

**FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA
CURSO DE HISTÓRIA**

**A BANALIZAÇÃO DA MORTE NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
O HOLOCAUSTO E AS EXPERIÊNCIAS NAZISTAS NOS CAMPOS DE
CONCENTRAÇÃO**

MARLIS EDIANE MORSCH

Taquara

2013

MARLIS EDIANE MORSCH

**A BANALIZAÇÃO DA MORTE NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
O HOLOCAUSTO E AS EXPERIÊNCIAS NAZISTAS NOS CAMPOS DE
CONCENTRAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História das
Faculdades Integradas de Taquara, sob
orientação do Professor Doutor Daniel
Luciano Gevehr.

Taquara

2013

Agradecimentos

Quero manifestar meus agradecimentos primeiramente à Deus, que considero o autor de toda a inspiração humana. Depois, à minha família, em especial minha avó, que não está mais entre nós, pelo incentivo ao estudo.

Também dedico minha gratidão aos professores do curso que sempre demonstraram muito comprometimento ao ensinar e deixaram explícitas toda sua paixão pelo conhecimento de História. Direciono especial agradecimento ao meu professor orientador Daniel, pela paciência, atenção e enriquecimento de informações prestadas acerca da minha pesquisa.

“Ciência sem consciência é a ruína da alma.”

(Rabelais)

RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade apontar as influências e ideologias que fundamentaram o nazismo e contribuíram para a concretização e o progresso deste regime totalitário por meio de Hitler. Também analisa os órgãos apoiadores do nazismo e de como tudo que integra esta forma de governo contribuiu para o processo de banalização da morte, com o holocausto e as experiências médicas nos campos de concentração ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Nazismo. Holocausto. Totalitarismo. Anti-semitismo. Ciência.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hitler desfilando nas ruas de Berlim sendo reverenciado por soldados e pelo povo alemão.....	15
Figura 2 - Hitler num dos seus discursos fervorosos.....	20
Figura 3 - Perseguição a inimigos feita por agentes da Gestapo e outros segmentos.....	23
Figura 4 - Teste de resistência ao frio.....	32
Figura 5 - Soldados andando entre os cadáveres em um dos campos de concentração.....	36
Figura 6 - Os alojamentos judeus nos campos de concentração.....	37
Figura 7 - Prisioneira dos campos de concentração.....	38
Figura 8 - corpos de prisioneiros amontoados.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	AS INFLUÊNCIAS E AS IDEOLOGIAS NAZISTAS.....	13
3	O NAZISMO E SEUS APOIADORES:.....	22
4	A BANALIZAÇÃO DA MORTE E AS EXPERIÊNCIAS MÉDICAS NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42

1 INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial foi um episódio inesquecível que fez todos voltar a sua atenção à Europa e que envolveu outros continentes modificando a vida cotidiana de inúmeras pessoas e famílias, não apenas de maneira simultânea, mas estendida por várias gerações.

Ela pode ser definida, assim como a Primeira Guerra, como um conflito entre as potências europeias e sua disputa por novos mercados e pela nova divisão do território mundial para a exploração colonial. Visto que a Alemanha tinha sido profundamente prejudicada no primeiro grande conflito, este era o momento de recuperar seus domínios e estendê-los, assegurando-se como potência econômica. Como ressalta Hobsbawm (2000, p. 30),

A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o Breve Século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofe devem começar com a da guerra mundial de 31 anos.

A partir disto, as relações entre estas nações da Europa, Inglaterra, França, Itália e Alemanha, tornam-se gradativamente mais tensas e o nível de concorrência se intensifica, visto que todas adotavam medidas protecionistas e restritivas a fim de preservar o seu espaço.

Inicia-se uma corrida armamentista, mesmo com a Alemanha sendo proibida ao final da Primeira guerra e o nazismo passa a se fortalecer e se expandir por toda a nação. Este traz promessas de rápida recuperação e total apoio de todos os segmentos sociais. Em 1939, a Alemanha invade a Polônia fazendo com que a França e a Inglaterra declarem guerra à nação germânica.

Hitler também firma um acordo de não atacar a União Soviética e de não sofrer ataques da mesma. Este pacto de não agressão nazi-soviético somente é respeitado no início do conflito. Após 1943, os dois países passam a se enfrentar desencadeando as mais sangrentas batalhas do segundo grande conflito, como o de Stalingrado.

A Segunda Guerra Mundial ocasionou o enfraquecimento das potências europeias, e conseqüentemente, a descolonização dos territórios dominados e explorados por elas. Também irá transformar os Estados Unidos em uma potência, pois muito lucraram com a guerra por fornecer empréstimos e fabricar armas para o conflito bélico.

Além de muitas perdas humanas, ocorreram muitos danos materiais, cidades foram destruídas, assim como seus polos industriais. No campo, as plantações foram perdidas, as terras ficaram impróprias para o plantio e milhões de pessoas ficaram sem moradia em vários países que foram atingidos pela guerra. Vale ainda lembrar as bombas nucleares que explodiram em Hiroshima e Nagasaki, trazendo um resultado devastador ao Japão e o temor em relação aos avanços nucleares que poderiam ser capazes de arrasar o mundo todo.

Tudo que ocorreu durante o período de guerra teve grande repercussão. Parte disto se deve ao fato de que as ações cometidas são espantosamente impactantes e atualmente podem ocorrer diversos crimes grotescos contra a vida de seres humanos, mas poucos são comparáveis com o descaso à vida alheia e ao extermínio em massa praticado ao longo deste grande conflito.

Hitler se encarregou de organizar um aparato bélico digno de honras. Também se instrumentalizou de uma diversidade de argumentos e explicações racionais e fervorosas sobre o orgulho alemão para contagiar essa massa alemã com seus discursos inflamados sobre germanizar o mundo. Aceitas as ideias, tratou de criar organismos a partir da política nazista, para manter e cumprir qualquer solicitação que tivesse como justificativa, o bem maior da Alemanha.

Sua força policial como a Gestapo e a SS foram a porta-voz do nazismo e espalhara o terror por onde passava. Até na atualidade, estes militares são citados sempre com uma imagem de assassinos frios, cruéis e sem escrúpulos, por meio dos relatos que se ouve de sobreviventes da Segunda Guerra e pelo que comprovam documentos e registros.

Por todos os rumos que o segundo grande conflito tomara e pela ideologia que norteava a Alemanha repleta de excentricidades, se torna de profunda relevância analisar o nazismo e as conseqüências de seu cumprimento. Este feito através de um líder que beirava a insanidade e pensava ser um deus para os alemães. O povo até o via como um, assim como seus aliados também demonstravam poder brincar com a vida de outros seres humanos, afirmando serem

bons aprendizes e fiéis a uma doutrina fundamentada inescrupulosamente em ideias inacabadas de pesquisas que não poderiam ter a menor aplicabilidade para pessoas. Os pensamentos filosóficos eram feitos por indivíduos de mente doentia assim como aqueles que foram capazes de concordar com estas ideias. O que é mais perigoso ainda: foram capazes de colocar em prática estes ideais que até então, eram aceitos apenas pelo papel. O que torna isto ainda mais incrível, é que houve a aceitabilidade de uma grande massa que julgou este jogral de versos obscuros e nojentos a melhor solução para o “bem” de uma nação.

A força policial alemã foi responsável por manter o regime, faziam as investigações, realizavam as prisões de inimigos, torturavam os prisioneiros para obter informações relevantes e mantinham a organização dos campos de concentração. Entre os soldados, estavam os cientistas e médicos que mutilavam e matavam em doses mingradas ou repentinas indivíduos indefesos e sem poder de reação. Colocavam em prática diversas experiências com seres humanos, cortavam membros saudáveis, testavam substâncias em feridas – que eram enviadas por indústrias farmacêuticas que muito se beneficiaram com a guerra – operavam sem necessidade, testavam a resistência das pessoas submetendo-as a condições extremas de sobrevivência entre outras coisas.

A partir destas experiências, diversas substâncias, principalmente antibióticos, analgésicos e anti-inflamatórios foram desenvolvidas e colocadas no mercado, além de serem usados na guerra. Como os eugenistas se preocupavam com a preservação da saúde dos arianos, várias campanhas antitabagistas foram lançadas a partir de pesquisas feitas sobre a ação do fumo nas pessoas. As pesquisas para encontrar a cura do câncer também se iniciaram neste contexto.

Os acontecimentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial causaram marcas profundas na memória de toda a humanidade. Muitas pesquisas foram feitas acerca do Segundo Grande Conflito, pois inúmeras foram as características que tornaram esta guerra única.

Faz-se relevante analisar as ideias que moveram a atuação de um regime totalitário como o nazismo na Alemanha, a propaganda de forte apelo nacionalista e as instituições criadas a partir deste regime que o amparavam como auxiliares na legitimação desta política entre a nação.

Pode-se ainda questionar até que proporção era válido e coerente o extermínio em massa e a dor sofrida pelas cobaias humanas durante as

experiências médicas nazistas e o que era prioridade nesta tênue linha que misturava a realidade com frieza, insanidade e megalomania. Tudo era válido para o sucesso e a legitimação da raça ariana como modelo étnico ideal e perfeito. Segundo Azevedo (1999, p. 42), ao conceituar arianismo salienta ser “uma moderna teoria racista adotada pelo regime nazista que afirmava a superioridade étnica de determinado grupo humano representado por tipos louros, olhos claros, dollicocéfalos”.

Para realizar a pesquisa acerca do assunto em questão se fará uso de pesquisa bibliográfica, pois são vários estudos feitos sobre a Segunda Guerra por se tratar de um momento de exclusiva relevância na História mundial. Acontecimentos deste período de guerra tiveram ações e reações irreversíveis na memória, nos espaços e no cotidiano dos indivíduos a nível global, não se restringindo apenas a quem a vivenciara, mas se estendendo por gerações e gerações.

Torna-se importante recontar a História dentro de uma perspectiva distinta, criando um enfoque diferente sobre um contexto já visto, por isso, a relevância da investigação de vários autores envolvidos com pesquisas e profundos estudos sobre a Grande Guerra. Também é importante verificar os conceitos históricos dados por pesquisadores comprometidos com a História e com o processo de pensá-la, recontá-la e explicá-la. Pois, como afirma Pesavento (2008, p.11),

Pensar o passado, chegar lá, nesse mundo escondido e misterioso da temporalidade escoada. Tentar resgatar e, sobretudo, entender e explicar como os homens de uma outra época davam sentido ao mundo, como se relacionavam com os seus semelhantes e como pensavam a si próprios; descobrir as razões e os sentimentos que mobilizaram um outro tempo e que foram responsáveis por suas práticas sociais; compor tramas, surpreender enredos, supor desfechos de situações outras, distantes no tempo, e, por vezes, aparentemente incompreensíveis...

A partir destas obras bibliográficas se podem confrontar informações, compará-las, analisar e concluir os aspectos ressaltados sobre a Segunda Guerra Mundial. Pode-se caracterizá-la como um período conturbado, rico em transformações dando ao historiador a possibilidade de ver a História em diferentes dimensões, parâmetros e ótica.

Cabe aqui salientar também que o uso da fotografia se torna fundamental para analisar o contexto dos campos de concentração e deve ser pensada como um

importante documento histórico, visto que as imagens são testemunhas que não mentem perante as intenções de quem as produz e os argumentos de quem constrói a “verdade” a partir delas. Para isso, foram utilizados autores que demonstram estas ideias sobre a fotografia como, Ana Maria Mauad, em seu artigo “Olhos para ver e conhecer: fotografia e os sentidos da história” e Peter Burke com a sua célebre obra “Testemunha Ocular”.

Ainda a partir dela, se torna fundamental examinar o evidente processo de banalização da morte durante este confronto mundial, bem como, analisar os princípios ideológicos que amparavam as ações nazistas e as instituições de apoio para sustentar e realizar o que pregava o regime.

Visto que, teoria e história são indissociáveis, pois os fatos narrados pelos pesquisadores criarão forma a partir da maneira que são apresentadas a toda a humanidade, vale enfatizar que tudo é visto da maneira que é representado ao outro. Cada indivíduo, expressa dados sobre certo acontecimento do modo como o vê e como o sente, através de características inseridas em seu ser e suas vivências. Uma tese interessante é que quando um grupo de indivíduos apresenta a mesma situação sobre a mesma ótica, o fato é coletivizado e isto se torna realidade. Como salienta Schopenhauer (2001, p. 31): “[...] aquilo que foi reconhecido, da mesma maneira, pelo entendimento chama-se realidade: é a passagem legítima do efeito produzido sobre o objeto imediato para a sua causa. À verdade apõe-se o *erro*, que é a ilusão da razão, assim como a realidade tem por contrário a aparência, ilusão do entendimento”.

No caso da Segunda Grande Guerra e de tudo que a envolve, ideias são geradas sobre estas vivências de quem as observa, analisa e as vive. Com isso, é estabelecido um importante elo entre o passado e o presente, principalmente por se tratar de acontecimentos únicos na História, que até agora, não se repetiram. O holocausto visto pelos judeus como o “indizível do horror” gerou em todos que o testemunharam, independente do espaço e tempo, uma reação de espanto, inconformismo e compaixão. Walter Benjamin (1998), num ensaio sobre o holocausto disserta sobre o significado de Auschwitz, o qual faz de uma forma muito eficaz, escrevendo: “... antes ainda de ser o campo da morte, Auschwitz é o lugar de uma experiência ainda impensada, onde, além da vida e da morte, o judeu se transforma em muçulmano, e o homem em não-homem”. (BENJAMIN, 1998 *apud* VECCHI, 2001, p. 82).

Nos capítulos seguintes serão analisadas as influências que transformaram o nazismo neste regime assustador e peculiar, como também, as ideologias que fundamentaram os rumos da Alemanha durante o período da Segunda Guerra Mundial. Serão mencionados as características próprias deste governo totalitário e o amparo científico dado ao Estado.

As instituições militares serão discutidas como um importante amparo ao regime e suas práticas de extermínio, combate, espionagem e organização dos campos de concentração. O fortalecimento da Gestapo e da SS como órgãos de aplicação do nazismo ocasionaram o seu progresso e espantosos resultados acerca do holocausto, do desenvolvimento bélico e científico.

Outro importante fator a ser observado - que se torna o tema deste trabalho - é a banalização da morte neste grande conflito por meio do desenvolvimento da tecnologia de guerra que facilitou o processo da morte em massa. A morte de vários seres humanos também foi aceita para o “progresso” científico da Alemanha fazendo com que nos campos de concentração não faltassem médicos e cientistas motivados desvalorizar a vida de indivíduos a favor da “evolução germânica”.

2 INFLUÊNCIAS E IDEOLOGIA NAZISTA

Todas as ações praticadas por um indivíduo e por um grupo são reflexos que se dão por meio de acontecimentos que o circundam e que são pensados e desta reflexão vem uma ideologia que passa a reger novas atitudes que irão implicar em práticas sociais. O indivíduo que conduz esta mudança na prática e programa suas ideias, pode estar causando transformações intensas, principalmente se o seu papel for de um líder que conduz uma nação. Foi suas ideias que o fizeram chegar nesta posição. Sua influência já é sentida na própria construção de sua imagem como governante e de sua “benéfica” ação sobre seus governados. A partir disto, qualquer que for sua postura, esta será seguida e admirada pelo seu povo que passa a ser seu seguidor e a agir de acordo com um modelo característico daquele contexto pensado e organizado. Como salienta Pacheco (2008, p. 177),

As sociedades são materialidades compostas não apenas por espaços e objetos, mas também por formas de sociabilidades que informam aos seus membros como agir, como codificar e interpretar o mundo social em que estão inseridos. Como estruturas dinâmicas, como textos que lemos e decodificamos, as sociedades são constituídas, também, por uma dimensão intangível, mas perceptível nas práticas e representações sociais que delimitam as formas de ver e viver o processo político.

Alguns filósofos costumavam, assim como seus sucessores ainda costumam afirmar que não existe liberdade na vida em sociedade ou que ela é limitada por ações que são formadas por uma ideologia, um sistema de ideias acerca de um fator determinante que move o indivíduo a zelar e a cumprir ações que sustentam e garantem a aplicabilidade destas ideias. Segundo Chauí (1994, p. 25, 26),

[...] a ideologia continua sendo aquela atividade filosófico-científica que estuda a formação das ideias a partir da observação das relações entre o corpo humano e o meio ambiente, tomando como ponto de partida as sensações; por outro lado, ideologia passa a significar também o conjunto de ideias de uma época, tanto como “opinião geral” quanto no sentido de elaboração teórica dos pensadores desta época.

No caso da Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial, que se tratava de uma sociedade humilhada depois de um longo combate com substanciais perdas,

passando por graves crises econômicas e políticas, atitudes urgentes precisavam ser tomadas. O povo necessitava vivenciar mudanças rápidas e para isto, o governo precisava ter uma postura enérgica para reverter o caos material e psicológico sofrido. Primeiramente, a autoestima do povo precisava ser resgatada. Este deveria ter orgulho de pertencer à nação alemã que deveria ser engrandecida e se tornar o ideal de nação. Hitler precisaria estabelecer concisas relações de poder na Alemanha para consolidar seus intuitos e torná-los aplicáveis. Segundo Foucault (2000, p. 5),

...Daí a recusa das análises que se referem ao campo simbólico e ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas. Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido.

Como um governo totalitário, este é dotado de algumas características que o diferenciam de outros regimes, pois como afirma Arendt (1989, p. 390),

Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda. Isso, porém, só é verdadeiro em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias.

Na imagem abaixo, observamos o prestígio de Hitler. Ele passa a ser considerado um líder digno de confiança por suas tropas e também pelo povo. As massas populares e as demais camadas depositarão na pessoa de Hitler todas as perspectivas de sucesso, progresso e triunfo da Alemanha sobre as demais nações.



Imagem 1: Hitler desfilando nas ruas de Berlim sendo reverenciado por soldados e pelo povo alemão

Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=hitler+discursando>

Um regime totalitário com bases numa doutrina fascista, impregnada de um forte nacionalismo, característica principal deste tipo de governo eram extremamente necessários. Para Rémond (1974, p. 95): “[...] o primeiro componente do fascismo, de sua psicologia, de sua ideologia e de sua sociologia é o nacionalismo.” A nação alemã precisava ser germânica sobre todos os aspectos e fazer qualquer coisa por sua nação. Para isso, o líder teria que ser persuasivo ao ponto de se tornar um chefe de Estado perfeito, acima de qualquer suspeita e suas ideias teriam que inflamar os corações dos alemães por sua pátria-mãe e causar total admiração por aquele que conduziria a Alemanha ao progresso e ao lugar de destaque no cenário mundial. Segundo Messadié (2010, p. 368),

Tudo isso permite constatar que o anti-semitismo nazista foi de natureza essencialmente nacionalista e que o cristianismo não foi responsável por ele, quaisquer que tenham sido suas falhas, suas transigências e seus silêncios. É preciso afirmar aqui bem alto: o anti-semitismo da primeira metade do século XX teve inspiração exclusivamente nacionalista. A participação dos cristãos e de alguns de seus representantes do clero católico e protestante não traz nenhuma modificação: o cristianismo e os cristãos de fato contaram em seus quadros com nacionalistas que adotaram posturas irrefletidas, aberrantes, imorais ou francamente criminosas, de acordo com seus temperamentos e as circunstâncias.

Por isso, Hitler insistia tanto no temo de “germanizar” a Alemanha e todo o seu território, não no sentido expansionista, mas no sentido de fortalecer o sentimento de germanidade nos alemães como exemplo a toda a Europa. Este líder teria que, sutilmente, invadir a mentalidade do povo, consagrando-se como grande

condutor ao bem-estar comum e dominador das massas. Pois, como argumenta Bourdieu (2002, p. 199-200),

O efeito de legitimação da ordem estabelecida não incumbe somente, conforme se vê, aos mecanismos tradicionalmente considerados como pertencentes à ordem da ideologia, como o direito. O sistema de produção dos bens simbólicos ou o sistema de produção dos produtores desempenham, também – isto é, pela lógica mesma de seu funcionamento – funções ideológicas pelo fato de que se mantêm escondidos os mecanismos pelos quais eles contribuem para a reprodução da ordem social e para a permanência das relações de dominação.

Ao se esmiuçar as ideias que embasavam o nazismo, encontra-se, além do nacionalismo, o Estado centralizador, a oposição ao liberalismo, à democracia e ao socialismo, o anti-semitismo, o racismo e a supervalorização do arianismo. Conforme Azevedo (1999, p. 35),

Anti-semitismo, termo que, do ponto de vista linguístico, significa hostilidade aos judeus. No campo histórico, porém, foi aplicado a realidades diferentes, sendo impossível considerá-lo como um fenômeno comum a todas as épocas. O anti-semitismo moderno, em particular, só assumiu essa conotação a partir do século XIX, culminando com as perseguições nazistas e com os genocídios dos campos de concentração na segunda guerra mundial.

Por defender a tese de que o Estado deve controlar tudo no país, inclusive e principalmente a economia, as características antiliberais fazem parte do regime. Os nazistas acreditavam que o capitalismo tendia a prejudicar o progresso do país. O ideal era que se mantivesse a forma tradicional da sociedade com forte tendência militar. Outro fator prejudicial a uma nação era a presença da democracia, pois ia contra os moldes de um regime totalitário, no qual, apenas o líder da nação poderia saber o que era necessário e imprescindível ao seu povo e que a liberdade se dava a partir do Estado. O povo alemão entrava, segundo as suas características numa espécie de idolatria ao Estado. Schilling (1988, p. 30) menciona que “... o liberalismo sempre permaneceu como uma espécie de subproduto de sua estrutura política, quando não visto como uma imposição não-alemã, exógena aos destinos nacionais.” Isso, explica a rejeição aos moldes capitalistas contemporâneos na Alemanha. O

que demonstrava o desejo de preservação da aristocracia em meio à sociedade, numa estrutura extremamente conservadora.

Além das duras críticas ao liberalismo, o socialismo também era visto com descrédito e como sinônimo de decadência, pois uma nação não poderia obter sucesso em suas ações sem estar sob o controle do Estado e era natural que uns se sobressaíssem sobre os outros. Isto ia segundo as últimas tendências científicas vindas da teoria evolucionista de Darwin, que pregava que os mais fortes prevalecem e dominam os mais fracos. Mas, se acaba ampliando esta teoria de dominação para um âmbito maior inserido no evolucionismo: eliminar aqueles que são fracos e podem contaminar e inferiorizar uma raça pura e superior, que se acreditava ser a proporcionadora das maiores invenções e progressos das sociedades europeias. A expansão e soberania da mitológica raça ariana se tornaram o maior empreendimento de Hitler. Como conceitua Azevedo (1999, p. 381),

Racismo é um termo moderno empregado para caracterizar o tipo de comportamento de pessoas com referências a grupos antropológica e socialmente diferenciados. Modernamente, o racismo tem desfrutado de grande notoriedade, não só em função das atrocidades cometidas na segunda guerra mundial, essencialmente o extermínio de milhões de judeus que a ideologia nazista considerava como pertencentes a uma raça perniciosa.

As ideias científicistas baseadas na teoria evolucionista de Darwin viriam ao encontro deste momento de necessidade de exaltação racial. Os cientistas seguidores do darwinismo social colaboraram com suas pesquisas e serviram como amparo para a consolidação de um novo regime político que iria suprir os anseios de uma Alemanha destruída. Neste momento, além de engrandecer os alemães e todo descendente das etnias¹ nórdicas, as demais etnias eram depreciadas. Alguns cientistas desenvolveram estudos sobre a eugenia que consistia em melhorar as condições da raça humana aspirando um indivíduo perto da perfeição ou ainda, de acordo com os padrões gregos da Era Clássica, quando eram extremamente fortes e desenvolviam suas capacidades racionais de maneira intensa.

¹ O termo utilizado na época em questão é “raça”, porém atualmente caiu em desuso sendo substituído pelo conceito de “etnia”, termo atribuído por estudiosos que faz referência aos seres humanos, ou seja, conceito usado para diferenciar a estruturação humana da animal.

As olimpíadas ocorridas em Berlim, em 1936, quando Hitler já estava em ascensão, mas a guerra ainda não se iniciara, foi uma demonstração das intenções de Hitler para a Alemanha, onde toda a ideia de arianismo deveria ser bem representada pelos atletas alemães – verdadeiros modelos de raça superior espelhada nos padrões gregos. Inicialmente, estes jogos assumiriam características racistas e anti-semitas, porém para que boicotes fossem evitados, a diplomacia alemã teve que funcionar para continuar a ser a sede das olimpíadas.

Fazer propaganda do regime nas olimpíadas foi apenas uma das medidas tomadas pelos nazistas, assim como as ideias de imponência e extravagância apresentadas por Hitler que era sempre aclamado pelas multidões fazendo questão de participar de todas as solenidades.

Os nazistas foram aplicadores sagazes das ideias eugenistas e fizeram delas um parâmetro fundamental para colocar em prática seu ideal de criar uma Alemanha pura, mais desenvolvida e composta por monumentos grandiosos que remetiam à Grécia Clássica pensando em uma nova Berlim. Então, tudo que ameaçasse a superioridade da raça ariana, que pudesse denegri-la e até se misturar com ela impedindo-a de triunfar em âmbito mundial seria combatido. Passam a ser indesejados em toda a Alemanha e seus domínios, os judeus, homossexuais, doentes mentais, ciganos, pessoas de outros grupos étnicos, inimigos políticos e indivíduos pertencentes à religião como as Testemunhas de Jeová. Como destaca Cornwell (2003, p. 303),

A disseminação da ideologia e da prática da pseudocientífica “higiene racial” na Alemanha na década de 1920 antecipou, como vimos, a gradual promoção da esterilização forçada, culminando na política de “eutanasia” forçada, que começou a sério após o início da guerra. Foi um curto passo, depois disso, para o extermínio dos judeus e outros assassinados com base no ódio racial.

Além da política de extermínio aos judeus, logo que o regime nazista assumiu a liderança, uma das primeiras providências tomadas pelo governo foi a demissão de todos os judeus das repartições públicas. Nas instituições científicas, os cientistas judeus e os que não concordavam com o nazismo e suas práticas foram para outros países. Inclusive, foram os cientistas alemães, e dentre eles, judeus que ajudaram a criar a bomba atômica nos Estados Unidos, visto que a Alemanha investia bastante em ciência e foram os seus cientistas os ganhadores dos Prêmios Nobel nas

décadas de 30 e 40. Há o famoso caso do físico alemão que era discordante da doutrina nazista e carregava pacotes embaixo dos dois braços para não ter que fazer o cumprimento nazista quando andava pelas ruas.

O anti-semitismo era sagazmente cultivado na Alemanha e disseminado entre o povo desde sua educação primária. Os judeus passaram a ser considerados sujeitos que poderiam contaminar os arianos além de serem apolíticos, sem pátria e considerados parasitas da economia da localidade onde se fixavam. Por serem exímios comerciantes, profissão que descende da atividade mercantil, também eram vistos com desprezo, pois os nazistas acreditavam que estas atividades causaram a decadência da aristocracia. Como salienta Messadié (2010, p. 346),

O anti-semitismo alemão, tal como iria se desenvolver até o surgimento do nazismo, estreou, contudo nos meios intelectuais muito conservadores e frequentemente produtores de mitos. Panfletos do tipo *Geden Juden*, “Contra os judeus”, de Grattenauer, e os do reputado universitário Wolfgang Menzel circulavam há vários anos, denunciando os defeitos da burguesia judia, evidentemente pouco à vontade nos costumes dos gentios que ela tivera que adotar em poucos anos, e suas tradições ancestrais.

Estes grupos sociais além de serem indesejados, não poderiam integrar o novo corpo político que se formava na Alemanha. As propagandas nazistas não surtiriam muito efeito neles e nem os transformariam em simpatizantes ao nazismo e ao nacionalismo pregado por este regime totalitário. Como ressalta Arendt (1989, p. 24),

A perseguição de grupos impotentes, ou em processo de perder o poder, pode não constituir um espetáculo agradável, mas não decorre apenas da mesquinhez humana. O que faz com que os homens obedeçam ou tolerem o poder e, por outro lado, odeiem aqueles que dispõem da riqueza sem o poder é a idéia de que o poder tem uma determinada função e certa utilidade geral. Até mesmo a exploração e a opressão podem levar a sociedade ao trabalho e ao estabelecimento de algum tipo de ordem. Só a riqueza sem o poder ou o distanciamento altivo do grupo que, embora poderoso, não exerce atividade política são considerados parasitas e revoltantes, porque nessas condições desaparecem os últimos laços que mantêm ligações entre os homens.

Acreditava-se que o nazismo seria esta solução aos alemães, um regime totalitário era conveniente para dar mais dinamicidade às medidas que fariam a Alemanha se reerguer e surgir como uma potência bélica em acelerado desenvolvimento econômico. Adolf Hitler seria o maior transmissor e realizador desta ideologia que causaria espanto aos estrangeiros e admiração por parte da maioria de seus cidadãos. Segundo Schilling (1988, p.30): “Hitler é, antes de tudo,

uma síntese do pensamento reacionário europeu. Ao mesmo tempo, levou às últimas consequências esse pensamento, na medida em que encontrava eco junto às massas alemãs”.



Imagem 2: Hitler em um dos seus fervorosos discursos

Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=hitler+discursando>

A gravura acima demonstra a propaganda do nazismo feita por Hitler em seus discursos repletos de gestos frenéticos e exaltação da nacionalidade alemã. A ostentação do cenário que comporia os seus discursos também servia como apoio simbólico para a aprovação de suas ideias e intenções.

A propaganda feita sobre estas ideias foi eficaz e o povo alemão passou a concordar com elas. Tudo era inserido na mentalidade alemã com muita naturalidade e os atos bizarros cometidos ao longo deste período da Segunda Guerra Mundial eram justificáveis ao povo. Tudo era para a consolidação de um bem maior e mais nobre. Sacrifícios precisavam ser feitos para que os mais fortes prevalecessem. Outra fonte de inspiração de Hitler foi Nietzsche. O filósofo ia contra as ideias cristãs e a democracia como modelo político eficaz e capaz de conduzir com sucesso uma nação. Para ele a democracia e também o socialismo estavam repletos de debilidades e lacunas. Acreditava que a violência e a brutalidade eram ferramentas úteis para a reorganização da civilização e que um governo autoritário era um caminho eficiente para isso. Pois como ainda enfatiza Schilling (1988, p. 39),

O nacional-socialismo faz também uma forte crítica ao Estado liberal, pois este seria extremamente débil para conter as crises econômicas e a subversão social. A política de não intervenção na economia termina por provocar a desorganização hierárquica da sociedade. O Estado liberal deve

ser substituído pelo Estado totalitário, que, com recursos excepcionais, pode retirar a sociedade burguesa de sua crise bem como debelar as ameaças da subversão.

Enfim, toda a estrutura alemã, liderada pela política nazista, criou com o auxílio do segmento científico, fortes justificativas para desempenhar as ações que realizaram ao longo dos anos em que a guerra se estendeu. Hitler chegou a afirmar que mesmo que a Alemanha perdesse a guerra, iria fazer algo que livraria o povo alemão da total ruína: exterminaria todos os judeus e os outros inimigos da Alemanha.

3 O NAZISMO E SEUS APOIADORES

Para que o regime nazista se mantivesse e para que todas as ações necessárias fossem desempenhadas com excelência, vários segmentos e instituições atreladas ao Estado foram criados servindo como verdadeiros sustentáculos para o sucesso do governo de Hitler.

O apoio militar foi o mais útil e típico de um regime de características fascistas. Esta força era extremamente sagaz para controlar a oposição ao regime e executar as atrocidades exigidas por ele e seu líder. Além do controle interno da Alemanha, a SS² (*Schutzstaffel*), era um grupo da elite com militares selecionados racialmente e bem treinados, tanto que as mulheres alemãs eram incentivadas a ter filhos com estes agentes para gerar arianos puros. Estes militares estavam nas ruas, perseguiram os inimigos e absorveram todos os grupos militares menores da força nazista. Surgiram para substituir a SA³ (*Sturmabteilung*) que era um grupo militar com certa autonomia e seu fortalecimento poderia ser uma ameaça ao governo de Hitler, por isso, ela foi dissolvida e surge a SS. A SS cresceu de tal forma que tinha até um segmento armado. A Gestapo⁴, outra força militar, cuidava mais de assuntos secretos e da perseguição a espiões estrangeiros e de indivíduos que abrigavam e escondiam judeus e outros inimigos dos nazistas. Com o tempo, a Gestapo também passou a ser uma repartição da SS. Com o avanço da guerra, a SS se formou de várias divisões que foram separadas hierarquicamente e as seleções já não eram tão rígidas como inicialmente. Na medida em que iam conquistando territórios durante a guerra, recrutavam aliados estrangeiros e os padrões raciais foram deixados de lado. O número de batalhões passa a se multiplicar e vários colaboradores passam a integrá-lo. Estes se tratam de civis normais que se aliam para perseguir os judeus e demais perturbadores da ordem alemã. Estudos ainda superficiais comprovam que o treinamento destes soldados era precário e rápido, não se especializavam militarmente e nem ideologicamente, ou seja, não sabiam ao certo a razão da perseguição aos judeus, a não ser por informações sem

² Organização paramilitar totalmente ligada ao partido nazista. A expressão em alemão significa “tropa de proteção”.

³ Tropas que usavam o terror em suas ações, também conhecidas como “divisões de assalto”.

⁴ Polícia Secreta Nazista.

profundidade de que os judeus prejudicaram a Alemanha após a Primeira Guerra e que precisavam ser sacrificados. Segundo o que defende Goldhagen (1996, p. 181),

Começando a trabalhar como instituições de matança itinerantes, os *Einsatzgruppen*⁵ contavam com um efetivo inicial de 3 mil homens em regime de revezamento.[...] Os 38 batalhões policiais que identifiquei como participantes da matança genocida dos judeus europeus contavam com, no mínimo, 19 mil homens, mas provavelmente muito mais, também devido ao sistema de revezamento.[...] Milhares de outros alemães desconhecidos contribuíram para o genocídio desempenhando várias funções administrativas: funcionários das estradas de ferro, soldados do Exército, policiais e membros das forças de segurança participantes da deportação de judeus na Alemanha e Europa ocidental, entre outros lugares; além dos muitos que contribuíram para a matança de judeus transformados em escravos nas fábricas e nas produções de serviço.

Então, a partir destas informações, pode-se perceber a presença de civis alemães presentes não apenas ligados ao extermínio direto dos judeus, como também indiretamente, com o isolamento dos mesmos em guetos e o uso de sua força de trabalho, escravizando-os em fábricas, produção de armamentos e construção civil.

Na fotografia abaixo podemos visualizar os soldados com incrível disposição e motivação para capturar os inimigos do regime. Podem-se notar armamentos e cães treinados para realizar as operações de perseguição e captura de fugitivos.



Imagem 3: Perseguição a inimigos feita por agentes da Gestapo e outros segmentos

Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=policiais+da+gestapo>

⁵ Grupos de intervenção militar.

Foi a SS que se responsabilizou pelas atividades nos campos de concentração. Os médicos e outros cientistas presentes nos campos de concentração e ajudantes na realização do holocausto eram membros da SS, um deles era Josef Mengele, o médico conhecido como “Anjo da Morte”, muito temido pelos judeus por sua frieza e espantosa capacidade de transformar pessoas em cobaias para o progresso da ciência.

Henrich Himmler era o principal líder da SS e responsável pelas ordens de execução de milhões de judeus e milhares de ciganos, eslavos, poloneses e soviéticos. Não apresentava nenhuma crise de consciência associado a nenhum valor burguês quando se referia a necessidade do extermínio dos judeus para o progresso alemão. Ascendeu rapidamente ao ingressar ao Partido Nazista e logo conquistou a confiança de Hitler que o nomeou *Reichsführer* da SS, cargo de alto escalão da organização militar. Fora ele quem realizou e dirigiu os trabalhos nos campos de concentração, cuidando pessoalmente do funcionamento dos milhares de campos instituídos na Alemanha e na Polônia.

Assim como a Polônia foi anexada ao território alemão por meio de violentas invasões, pelas quais a SS também ficou incumbida. Conforme Butler (2004, p. 79): “As exigências de Hitler para a “germanização” da Polônia foram interpretadas à luz do que via como os princípios raciais da SS.[...] Ele continuou e ordenou “medidas apropriadas”, a fim de evitar o aumento da elite intelectual polonesa. Uma vez que a liquidação total dos fazendeiros poloneses fosse realizada, as terras livres seriam distribuídas aos alemães”.

Os soviéticos também sofreram e muitos foram mortos de forma cruel, por meio de enforcamentos sem apoio nos pés, os quais as vítimas demoravam mais para morrer. Ao entrarem em território soviético, perseguiram os comunistas utilizando cães de guarda e se embrenhavam em matas atrás de seus inimigos. Muitos destes eram capturados e, além de mortos por enforcamento e fuzilamento, também eram conduzidos aos campos de concentração. Como ressalta Butler (2004, p. 238),

Os aspectos mais horríveis do comportamento dos guardas dos campos de concentração e também de muitos integrantes dos *Einsatzkommandos*⁶ da Gestapo e da SD⁷, não foram tanto seu sadismo, mas sua total indiferença

⁶ Divisão dos grupos de intervenção.

⁷ SD (*Sicherheitsdienst*) era o órgão que controlava as polícias em suas diversas divisões.

em relação às condições infernais em torno deles e à sina de suas vítimas – eles simplesmente não se importavam.

Himmler, em junho de 1941, faz o seguinte discurso a Rudolf Höss, comandante de Auschwitz: “Os judeus são os eternos inimigos do povo alemão e devem ser exterminados. Todos os judeus que pudermos prender agora, durante a guerra, devem ser exterminados, sem exceção. Se falharmos em destruir a base biológica dos judeus, algum dia eles irão aniquilar o *Volk*⁸ alemão”. (HIMMLER, 1941, *apud* WILLIAMSON, 2006, p. 236).

Reinhard Heydrich foi outro importante líder da SS, chegando a alcançar o posto de *Obergruppenführer*⁹. Também foi presidente da Interpol e liderou várias operações durante os anos de triunfo do nazismo na Alemanha. Durante o período de ocupação da Checoslováquia, cometeu diversas atrocidades promovendo o terror entre os checos e exterminando diversos deles, assim como demais minorias étnicas. Heydrich tinha um agente especialista em perseguir, encontrar e matar os judeus fugitivos, Adolf Eichmann, caracterizado assim por Williamson (2006, p. 232),

Apesar de sua patente inferior – no final da guerra ele tinha chegado apenas ao posto de *SS-Obersturmbannführer* – Eichmann tinha uma considerável influência no Departamento Central de Segurança do Reich (RSHA), tendo perseguido os judeus da Europa quase com um fervor religioso. Na notável conferência de Wannsee em 1942, quando se decidiu a “solução final da questão judaica”, Eichmann orgulhosamente relatou para a audiência reunida o número total de judeus liquidados em cada um dos territórios ocupados.

Outro importante oficial foi Hermann Göring, combatente veterano da força aérea na Primeira Guerra Mundial, tornou-se comandante-chefe da *Luftwaffe*, em 1935, permanecendo neste posto durante toda a Segunda Guerra. Mas ao final da guerra caiu em descrédito com Hitler pelo decadente desempenho da força aérea nos combates bélicos.

Mas, o membro do Partido Nazista de maior influência foi Joseph Goebbels, o astuto Ministro da Propaganda do Reich. Suas propagandas altamente eficazes e seu profundo anti-semitismo culminaram no violento instinto de guerra alemão e na Noite dos Cristais (*Kristallnacht*), ocorrido em 1938, quando muitas sinagogas foram

⁸ *Volk* significa povo.

⁹ Maior patente paramilitar, assim como *Obersturmbannführer*.

queimadas na Alemanha e milhares de judeus foram assaltados, espancados e mortos.

Mas não eram apenas os estímulos doutrinários do nazismo que faziam com que estes recrutas e oficiais agissem, havia também, o estímulo financeiro, pois além de serem sustentados pelo governo, conseguiam lucrar com a mão-de-obra judia nos campos de concentração e nas construções civis.

Por meio das ações destes agentes, os judeus foram separados nos guetos no território da Polônia, mais especificamente na Varsóvia, após serem destituídos de suas profissões e serem utilizados como empregados de indivíduos pertencentes ao Partido Nazista e sua força militar. Além de agrupar os judeus em guetos e confiscar seus bens e dinheiro, delimitando um valor a ser gasto por dia, também eram conduzidos aos campos de concentração por estes soldados. Chegando lá, outros agentes esperavam chegar os vagões de trem lotados para selecionar os judeus que iriam trabalhar e os que iriam morrer nas câmaras de gás. Conforme explica Butler (2004, p. 80-81),

Os judeus precisavam usar sinais de identificação nos braços; eram submetidos a trabalhos forçados em campos e outras instalações alemãs ainda em construção. Eram proibidos de entrar em determinadas seções da cidade; sua comida era mais racionada do que a da população polonesa. Estavam sujeitos ao terror e à violência constante; a maioria das sinagogas foram destruídas; milhares de judeus eram mortos todos os dias e por nenhuma razão aparente.

Na Itália, o fascismo também se consolidava como a forma de governo que conduziria o Estado ao progresso e ao desenvolvimento econômico a ponto de ser um acirrado concorrente com as demais potências mundiais, principalmente, após 1933, quando Benito Mussolini - responsável pelo êxito do fascismo italiano - assume os rumos da Itália com sua política expansionista e profundamente nacionalista. Mussolini passou a ser chefe de Estado e controlava toda força militar da Itália. Conhece Hitler, se impressiona com a força do exército alemão e firma uma aliança com a Alemanha. A Itália irá fazer parte do eixo e lutará ao lado da Alemanha durante quase toda a guerra. Porém, o poder bélico de Mussolini não é tão forte e a Itália acaba retrocedendo em vários combates.

Mas, todo o poder de guerra da Alemanha é testado antes da guerra se iniciar, mais precisamente em 1936, na Espanha. A Frente Popular espanhola se fortalecia e conquistava a confiança do povo. Do lado conservador está o General

Francisco Franco que deseja acabar com qualquer indício de governo popular e socialista na Espanha. Então, Hitler aproveita a ocasião para testar a força de seu exército e apóia Franco. Derrotam as tropas populares, deixam a Espanha arrasada e milhares de mortos. Como ressalta Messadié (2010, p. 384),

[...] O horror nazista, que iria fazer dolorosas cicatrizes com ferro em brasa nas consciências dos cristãos, era suficientemente previsível em 1938 , última parada antes do inferno, para que se tivesse tentado evitar Munique e se tivesse levado Hitler a sério. Mas a impotência do Ocidente foi demonstrada na ocasião da guerra da Espanha...

Quando se observam todas as ações cometidas durante a Segunda Guerra, se pode constatar que elas precisavam de órgãos que as colocassem em prática em nome de ideologias dominantes e inquestionáveis. O que interessava era tudo se resolver e cooperar para o cumprimento do que era o destino ideal para a Alemanha e seu povo.

4 A BANALIZAÇÃO DA MORTE E AS EXPERIÊNCIAS MÉDICAS NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

É num cenário hostil que a Alemanha se mantém antes do início da Segunda Grande Guerra e durante o conflito, os ideais nazistas se intensificam ainda mais. Qualquer atrocidade ou absurdo passa a ser realizado pela Alemanha e pelo povo alemão. Hitler se transforma no grande herói da nação e o único capaz de conduzir a Alemanha ao progresso contínuo e permanente. Criam-se várias instituições para auxiliar na sustentação e organização da política nazista, pois Hitler acreditava que assim a Alemanha era invencível. Suas principais ajudadoras eram a SS e a Gestapo.

Ambas atuaram na perseguição aos inimigos da Alemanha nazista e executaram milhões de pessoas de forma fria e cruel. Trabalharam em investigações, nos campos de concentração e nas prisões. Entre estes oficiais estavam cientistas simpatizantes ao nazismo e médicos que foram responsáveis pelas inúmeras experiências feitas em adultos e crianças nos campos de concentração durante a guerra.

Entre inúmeros documentos históricos que poderiam ser considerados, a imagem se torna relevante neste contexto da Segunda Guerra Mundial, principalmente no que se refere às cenas do holocausto e das experiências médicas para se perceber este processo de “coisificação” dos seres humanos considerados sem valor e, por isso, os nazistas, baseados em todos os princípios ideológicos ressaltados anteriormente, tiveram legalidade para eliminá-los. Esta banalização da vida e da morte é intensamente observada e pode ser analisada por meio de imagens.

A fotografia passou a ser um importante instrumento para registrar um momento importante na história, mesmo que no instante em que é feita, pode ser a paralisação de uma imagem cotidiana, sem evidente relevância. Mas devemos considerar o fato de que o sujeito que a faz delega importância ao momento fotografado. Como afirma Mauad (2011, p. 111),

Ambos, a evidência histórica e a imagem, são constituídas por investimentos de sentido. Portanto, temos a fotografia tanto como pista, indício ou documento para se produzir uma história, quanto ícone, texto ou monumento para (re)apresentar o passado. Efetivamente, a fotografia nos

habilita conhecer aspectos e situações passadas sendo, ela mesma, o resultado de um saber-fazer.

Estas fotografias ao serem revistas, quem sabe, em outros tempos, de acordo com os padrões culturais e valores de quem as vê, passam a ser analisadas, e distintas e profundas reflexões podem ser feitas a partir delas. Como salienta Burke (2004, p. 29): "...fotografias podem ser consideradas ambas as coisas evidência da história e história. Elas são especialmente valiosas, por exemplo, como evidência da cultura material do passado".

O uso da fotografia para se conhecer a História ampliou as possibilidades de observação e análise de determinado momento. A História não se limita mais a apenas documentos escritos. Isto também transforma o fotógrafo num agente que constrói o fato histórico e responsável por transmitir aos outros a sensação e a imagem de maneira simultânea. Pois ainda segundo Mauad (2011, p. 122): "[...] Similarmente, a fotografia efetivamente nos imprimiu uma mudança na forma de olhar, devido à dissolução de uma perspectiva tradicional".

Pensando em conhecer o passado, o historiador torna-se garimpeiro das evidências que irão retratá-lo, servindo de valioso instrumento, a fotografia pode ser colocada como importante atributo para se representar ou apresentar de forma crua e sem enfeites o passado que se quer mostrar ou pesquisar. Como ainda enfatiza Mauad (2011, p. 126),

...o historiador não reconstrói o passado tal como ele aconteceu, mas o constrói, o produz nas escolhas documentais que realiza na forma como reúne suas pistas, produz suas evidências. O passado vivido emerge na análise histórica como o passado-pensado, síntese de determinações documentais e teóricas. A imagem fotográfica nada mais é do que a produção do que se viu e viveu pela mediação de um dispositivo, cujo manejo implica saber-fazer, não é neutro tampouco automático, implica escolhas, estar atento, ter o olhar treinado, estar em sintonia com o mundo visual. O real/passado na fotografia também é síntese de determinações culturais, afetivas, formais e estéticas, ou seja, é a práxis de um sujeito histórico.

Fotografar ou produzir História dependem da ação de pensar, pois numa fotografia estão inseridas intenções e na História estão contidas, além de análise, visões que mostram convicções, teses e verdades passíveis de inúmeras passagens de reformulações.

No caso da Segunda Guerra Mundial, se vê muitos documentos assim como comentários e produções feitas acerca de suas causas, desfecho e consequências analisadas sobre distintas óticas. E constata-se sobre as curiosas características únicas que este evento histórico teve e que estes atos não se repetiram, não na proporção que ocorreram na Segunda Guerra.

Os avanços tecnológicos e o desenvolvimento da ciência em decorrência do segundo grande conflito, desenvolveram armamentos capazes de reter a ação direta dos soldados no combate. Na Primeira Guerra Mundial, os soldados se utilizavam de armas brancas e algumas armas químicas. Isso fazia com que o confronto fosse direto e a batalha corpo a corpo, por meio do sistema de trincheiras, prolongavam este enfrentamento causando cansaço excessivo, a demora no fim da guerra e um violento impacto psicológico nos soldados. Estes viam seus inimigos e companheiros morrendo, um a um, durante cada combate vivenciado.

Já na Segunda Guerra Mundial, pode-se afirmar que a morte foi banalizada, pois se observa, além de todas as ideias de higiene racial, holocausto e experimentos médicos feitos em seres humanos que ainda serão discutidos, percebe-se a morte em larga escala também nos conflitos bélicos. A morte não foi mais vivenciada de forma direta pelos soldados, pois as bombas, metralhadoras, tanques, aviões de guerra, fizeram com que ocorresse maior número de mortos em combate, sem necessitar matá-los um a um. É possível se referir aos conflitos do segundo grande confronto como um processo de coletivização da morte. Este processo tornou o impacto psicológico dos soldados atuantes em batalhas mais brando em relação à Primeira Guerra Mundial.

Todos os soldados envolvidos na guerra, seus inimigos e os judeus estavam expostos à morte, mas este processo havia perdido todo o ritual trágico vivenciado anteriormente e em outras culturas. Passaram a estar em contato direto com a morte repentina. Como analisa Àries (2000, p. 19),

Para que a morte fosse assim anunciada, era preciso que não fosse súbita, *repentina*. Quando não prevenia, deixava de aparecer como uma necessidade temível, mas esperada e aceita, quer se quisesse quer não. Despedaçava então a ordem do mundo em que todos acreditavam, instrumento absurdo de um acaso por vezes dissimulado em cólera de

Deus. Por isso, a *mors repentina* era considerada como infame e vergonhosa.

Mesmo que a morte não fosse repentina, mas sim programada e inserida dentro de um esquema de organização governamental, como no caso do nazismo e o holocausto, ainda assim, nos casos que não estavam neste contexto, havia a oportunidade de se velar os mortos, do momento de despedida dos entes queridos, dos rituais fúnebres de enterro e o simbolismo dos túmulos que conservavam o apego ao morto e que sempre era lembrado para que lhe levassem flores.

No caso dos campos de concentração, tudo isso era inexistente. Na organização lá aplicada, os soldados nazistas estavam alheios a qualquer manifestação de afeto entre os prisioneiros, pois não os tinham como seres humanos dignos disso. Já que eram indivíduos vistos com desprezo, os nazistas não compreendiam como poderiam existir sentimentos de afeição por judeus ou comunistas desprezíveis que prejudicavam o progresso da Alemanha e do resto do mundo ocidental.

A morte era um procedimento prático e necessário. Qualquer outro significado e importância atribuída a ela era ignorada pelos soldados alemães encarregados de cumprir as ordens de seus superiores. Por isso, os corpos ficavam onde os prisioneiros morriam até que houvesse um número considerável de mortos para serem recolhidos e jogados nas valas. Muitos entravam em estado de decomposição e secavam ao ponto de ficarem apenas os ossos sem ser removidos. Não era levado em consideração se seus parentes estavam ali e viam o morto neste triste estado. Como afirma Àries (2000, p. 244),

Vamos ver agora que esta atitude não deixou de regredir na cristandade latina desde o século XII, primeiramente entre os ricos e os poderosos. Contudo, persistiu, até ao século XVIII pelo menos, entre os pobres que, primeiro privados por indigência de caixão, o serão também de túmulos comemorativos. Uma das grandes diferenças entre, por um lado, os ricos ou os menos pobres, e, por outro, os verdadeiramente pobres, é que uns terão cada vez mais frequentemente túmulos individuais visíveis, marcando a lembrança do seu corpo, e que os outros nada terão.

Os campos de concentração tinham inúmeras finalidades. Em alguns, os prisioneiros eram destinados ao trabalho, como em *Arbeitsdorf*, *Breitenau*, *Buchenwald* e *Dachau*, na Alemanha, assim como demais campos localizados na Polônia, na Estônia, na Áustria e na França. Outros eram destinados a agrupamento

e trânsito, como os de *Bardufoss* e *Bredtvet*, na Noruega e os de *Hinzert*, *Oranienburg* e *Osthofen*, na Alemanha. E outros, exclusivamente para trabalho e extermínio, como, *Auschwitz-Birkenau*, *Belzec*, *Chelmo*, *Treblinka* e *Varsóvia*, na Polônia, *Jasenovac*, na Croácia, *Maly Trostenets*, na Bielorrússia, entre outros. Os campos recebiam o nome da cidade onde eram estabelecidos.

Nos campos de concentração, qualquer ritual de morte era desconsiderado em relação aos prisioneiros. Morrer se tornava algo mecânico e funcional. Os judeus eram conduzidos às câmaras de gás e não eram informados que morreriam. A informação que os soldados davam era que se banhariam para evitar qualquer proliferação de doenças e infestações de pragas vindas pela falta de higiene. Era o “banho da purificação”, pois os prisioneiros se libertavam de todo este cenário de dor e sofrimento.

Sabe-se que embora inúmeras medidas higienistas fossem tomadas, muitos detentos morriam de doenças epidêmicas, infecciosas e de fome, pois seus organismos se enfraqueciam muito com o trabalho excessivo e a alimentação escassa e insuficiente para sustentar um corpo exposto ao frio e à intensa jornada de trabalho. Nem os crematórios construídos nos campos de concentração supriam as necessidades dos agentes nazistas. A quantidade de corpos a ser eliminada era grande e o ato de cremar gerava altos custos. Então, os cientistas inventaram um novo sistema de incineração empregando ar frio comprimido, o que causava economia de combustível e aceleração no processo de incineração. Em *Auschwitz*, grandes crematórios foram construídos com potentes fornalhas para queimar mais de 1440 corpos a cada 24 horas. Crematórios que foram imediatamente destruídos quando o Exército Vermelho toma a Alemanha.



Imagem 4: Teste de resistência ao frio

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=experi%C3%AAs+nazistas>

O desenvolvimento da ciência levado como prioridade a qualquer preço é o que está exposto na imagem acima. Nela, “cientistas” testam a resistência do corpo humano ao frio, deixando um prisioneiro de campo de concentração durante um longo período num tanque de água com baixa temperatura, quem sabe, até a morte, além do frio excessivo, estas cobaias humanas também eram expostos ao calor intenso.

Além disso, há as experiências médicas que os prisioneiros eram submetidos e seus limites, enquanto seres humanos eram testados sem qualquer intenção de preservação da saúde destes indivíduos. Segundo Cornwell (2003, p. 303),

A disseminação da ideologia e da prática da pseudocientífica “higiene racial” na Alemanha na década de 1920 antecipou, como vimos, a gradual promoção da esterilização forçada, culminando na política de “eutanásia” forçada, que começou a sério após o início da guerra. Foi um curto passo, depois disso, para o extermínio dos judeus e outros assassinados com base no ódio racial.

As experiências eram diversificadas e em cada campo de concentração se instalavam cientistas/médicos que se especializavam e construam teses sobre assuntos específicos relacionados à genética, hereditariedade, reprodução, neuropatologias e doenças epidêmicas e infecciosas. As pesquisas com hormônios eram bem comuns. Os médicos eugenistas se interessavam em aumentar o período de fertilidade das mulheres para que as arianas gerassem mais filhos puramente arianos, tanto que recebiam condecorações se engravidassem de soldados da SS selecionados geneticamente. Através destas pesquisas com hormônios, os cientistas queriam encontrar tratamento e cura de homossexuais por meio de doses de hormônios que eram injetadas nestes pacientes.

Porém, nem todos os cientistas alemães concordavam com as ideias nazistas, neste período da ascensão de Hitler ao poder e da inserção do nazismo muitos saíram da Alemanha, principalmente porque na grande maioria era judeus, Albert Einstein foi um deles, e muitos contribuíram para a construção das bombas

nucleares que arrasariam Hiroshima e Nagasaki pelos Estados Unidos, quando a guerra já teria terminado. Segundo Arendt (1989, p. 23),

Uma dessas apressadas explicações identifica o anti-semitismo com desenfreado nacionalismo e suas explosões de xenofobia. Mas, na verdade, o anti-semitismo moderno crescia enquanto declinava o nacionalismo tradicional, tendo atingido seu clímax no momento em que o sistema europeu de Estados-nações, com seu precário equilíbrio de poder, entrara em colapso. Os nazistas não eram meros nacionalistas. Sua propaganda nacionalista era dirigida aos simpatizantes e não aos membros convictos do partido. Ao contrário, este jamais se permitiu perder de vista o alvo político supranacional. O "nacionalismo" nazista assemelhava-se à propaganda nacionalista da União Soviética, que também é usada apenas como repasto aos preconceitos das massas.

Para os nazistas fica mais que justificável então, o holocausto como um método eficaz e rápido de eliminar os estorvos da nação, um procedimento rápido que aniquila tudo que é indesejável e conserva os ideais alemães que os levaria ao progresso, à evolução de uma civilização que tem o sucesso em sua genética. Tudo o que se refere ao holocausto desperta um sentimento negativo, de perplexidade e aversão por se tratar de acontecimentos reais não muito distantes de nosso presente com pessoas incapazes de fazer o mal e de atrapalhar os planos do megalomaníaco Hitler, mas ele não tinha esta mesma linha de raciocínio.

Então, a partir da "Solução Final" tomada na Conferência de Wansee, e extermínio foi uma ordem dando legalidade ao uso dos prisioneiros para serem usados como cobaias humanas pelos cientistas. Além das experiências, o trabalho era usado como arma de destruição. A IG Farbem - importante indústria de petróleo e borracha sintética, assim como associada a outras fábricas de produtos químicos - muito lucrou com o trabalho escravo dos prisioneiros dos campos de concentração, sobretudo, em Auschwitz.

Os soldados da SS de Himmler recebiam desta indústria por prisioneiro oferecido e também de indústrias farmacêuticas que queriam testar suas substâncias. Os laboratórios Baier, associado da IG Farbem, fizeram vários testes com sulfonamida nos campos de concentração. Outras substâncias nem possuíam nomenclatura, então eram codificadas para serem usadas nos prisioneiros.

O *Zyklon B*, pesticida utilizado para exterminar piolhos e insetos, passara a ser utilizado nas câmaras de gás para matar judeus, ciganos, inimigos políticos e

todos que não eram dignos de viver e *Auschwitz – Birkenau* foi escolhido como o principal centro de genocídio.

Mengele trabalhava neste campo com crianças, gêmeos, anões, ciganos e deficientes mentais, submetendo-os a várias experiências genéticas. Numa experiência em *Buchenwald*, atiraram em prisioneiros com balas envenenadas para observar quanto tempo levariam para morrer.

Em *Dachau* eram feitos experimentos envolvendo altitude e baixa pressão com o Dr. Sigmund Rascher. Foi utilizado um judeu de 37 anos que não resistiu às experiências e morreu com sérios traumas no cérebro, coração e fígado. Neste local também se testava o corpo humano no frio, expondo os prisioneiros à neve, nus, durante horas ou em tanques com água muito fria. Até prisioneiros condenados por *Rassenschande* (vergonha racial), sendo estrangeiros que se casaram com mulheres arianas, eram utilizados como cobaias. Também em *Dachau*, mais de 300 prisioneiros foram infectados com malária, apenas cerca de 10% morreram por complicações da doença e a maioria restante sucumbiu por meio de uso excessivo de substâncias que estavam em experimentos.

Em *Sachsenhausen e Natzweiler*, o médico pessoal de Hitler, Karl Brandt, contaminou detentos com tifo, febre amarela, varíola, cólera e difteria. Observou a evolução das doenças e vários morreram. Também causava ferimentos em partes do corpo destes prisioneiros e injetava várias substâncias ou usava gás venenoso para que as feridas evoluíssem. Em seguida, testava outros produtos químicos que podiam sarar as feridas ou levar as vítimas à cegueira e à morte.

Mulheres foram submetidas a cirurgias e transplantes de ossos, músculos e nervos em *Ravensbrück*. Também se criavam ferimentos que eram contaminados com gangrena e outras infecções.



Imagem 5: Soldados andando entre os cadáveres em um dos campos de concentração.

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+dos+campos+de+concentra%C3%A7%C3%A3o+na+segunda+guerra+mundial&tbm>

Como demonstra a fotografia acima, as diversas imagens sobre o holocausto e o cotidiano nos campos de concentração causam repulsas e revolta mesmo em indivíduos alheios ao acontecimento, pois são cenas que ofendem a vida humana, que vão contra os princípios implantados há tempos de solidariedade e respeito aos diversos grupos étnicos e culturais, porque independentemente disto, são compostos pela mesma matéria e capazes de terem e nutrirem os mesmos sentimentos se envolvidos numa mesma realidade. O que os difere se caracteriza pelo seu posicionamento ou lugar no momento de vivê-la. E isto pode ser analisado por meio das imagens que divagarão entre o sentido de representação e significação, principalmente no contexto abordado na Segunda Guerra Mundial. Como ressalta Camargo (2011, p. 207),

É difícil contestar uma imagem com a mesma facilidade que se contesta a fala [...]. O efeito que uma imagem causa pode ser mais denso do que a fala, uma imagem parece conter uma “prova cabal” de verdade *a priori*, deste modo, o sentido de representação é estendido para o de *significação*. *Significar* implica, portanto, apreender os sentidos que extrapolam a representação.

Nas cenas vistas sobre as ações nazistas, o que se torna relevante observar, é a ostentação de um líder e seu regime instalado por sua própria propaganda eficiente com as massas e a realidade nos campos de concentração, as políticas de

extermínio como ação necessária ao novo andamento da Alemanha rumo ao “trunfo” e os malefícios causados aos seres humanos para o bem da ciência e para a garantia da evolução de um super-humano já pré-disposto a esta superioridade, segundo o que as mentes doentias beirando a insanidade pensavam neste contexto.



Imagem 6: Os alojamentos judeus nos campos de concentração

Disponível em : <https://www.google.com.br/search?tbs=simg:CAESTQlgzjF9>

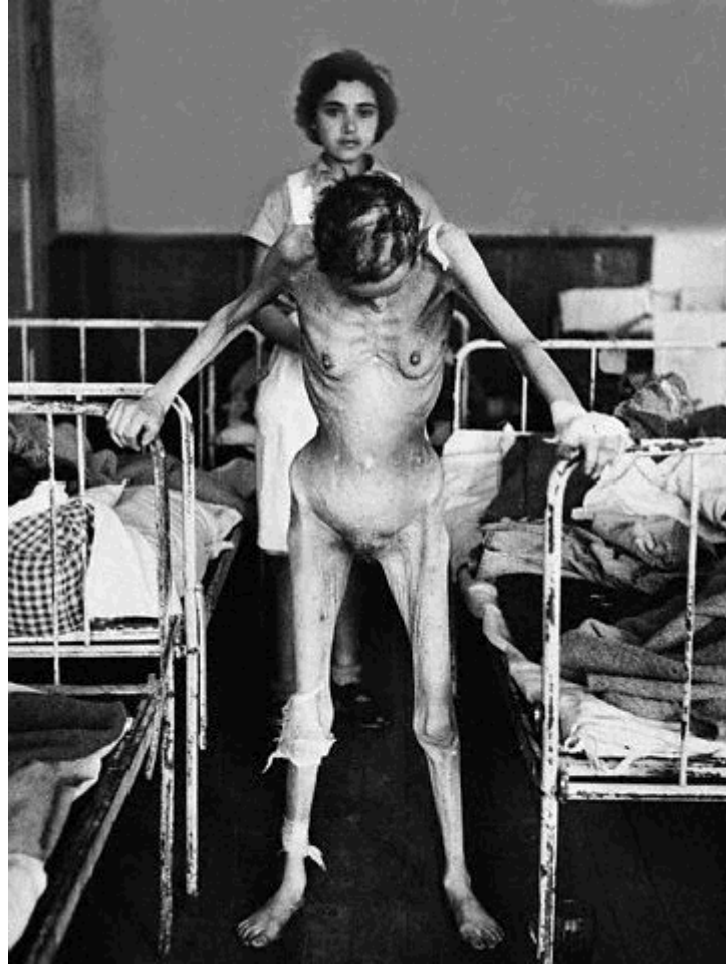


Imagem 7: Prisioneira dos campos de concentração

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?tbs=simg:CAESTQlgzjF9>

Pode-se adquirir uma noção de como era o cotidiano dos reclusos nos campos de concentração por meio das imagens acima. Os prisioneiros estavam sujeitos a uma vida de escassez, sofrimento e incertezas quanto à sua sobrevivência.

Para escapar do terror dos campos de concentração e da torturante vida levada de maneira exaustiva e desesperadora até a morte certa e rápida, com o argumento mecânico e instantâneo de tomar banho para manter a higienização dos prisioneiros, os judeus e demais inimigos dos alemães, escondiam-se e outros

arriscavam suas vidas para preservá-los em seu esconderijo e livrá-los do tormento. Como afirma Perrot (2011, p. 312),

As guerras, as repressões, religiosas ou políticas, obrigam a se esconder dos perseguidores. É preciso fugir para os bosques, refúgio ancestral dos fora da lei, dissimular-se em todos os nichos de uma casa: um cofre, um armário, um reduto, um sótão; se entocar em um porão; se esconder em buracos cavados na muralha ou no jardim.[...] Durante a ocupação, numerosos perseguidos, judeus, maçons, residentes ficaram confinados em um apartamento ou um quarto, com janelas e cortinas fechadas. Era necessário evitar qualquer vestígio ou ruído que revelasse sua presença, para isso beneficiar da cumplicidade dos vizinhos e porteiros, escapando às denúncias, tão numerosas.

Assim, muitos perseguidos foram capturados e outros poucos conseguiram escapar das mãos dos nazistas, passando a viver como anônimos em uma nação que os expurgava cotidianamente de maneira brusca e desumana de suas casas e de seu convívio familiar. Eram indivíduos sem direito à vida e desprovidos de tudo que obtiveram ao longo dela. Muitos tinham bens e um elevado grau de estudo e repentinamente foram arrancados de sua realidade para servir de “bode expiatório” e manter uma ideologia tirana e extremamente violenta, na qual os alemães confiaram e se ampararam como a única maneira eficaz de fazer com que Alemanha recuperasse seu orgulho. Porém, esta exaltação com adornos repletos de exagero estão na memória dos alemães como uma página da História que não vale ser lembrada representando até a vergonha da nação, que antes foi referida pela sagaz propaganda nazista como “O Triunfo da Vontade”.

Através da fotografia abaixo, vemos a pura imagem do realismo em meio à guerra. Observamos uma gravura com a crua marca da segunda grande guerra: o descaso com a vida e com a morte daqueles que representavam o retrocesso aos nazistas e que poderiam adiar ou atrapalhar os planos de um ditador determinado, frio e sem compaixão por vidas que nem ao menos sabiam o que estava acontecendo e o porquê de tanto ódio por seus semelhantes.



Imagem 8: Corpos de prisioneiros amontoados nos campos de concentração

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+dos+campos+de+concentra%C3%A7%C3%A3o+na+segunda+guerra+mundial>

Ao pensar o holocausto, se pode mencionar Cytrynowics (2000),

Fazendo um contraponto com os quadros na parede do prédio que era o comando das SS em Auschwitz, quando pensamos no genocídio nazista, do ponto de vista da história, não é de mortos com nome e sobrenome que se trata, indivíduos mortos com retratos e molduras individuais, que podem ser dispostos em uma parede. Trata-se de milhões de mortos, dezenas de milhares dos quais possivelmente sem qualquer registro possível. O genocídio nazista destruiu centenas de comunidades, que desapareceram. Apenas na Polônia, estima-se que cerca de 300 comunidades judaicas foram destruídas.

As características que estão contidas na Segunda Guerra referentes a genocídio, o holocausto, ao funcionamento e ao cotidiano nos campos de concentração são autênticas e isoladas. Fatos que até o presente não se repetiram na mesma proporção, e por isso, são discutidas e analisadas de forma impactante com imenso pesar e lamento do ponto de vista antropológico e ético. Como ainda enfatiza Cytrynowics (2000),

Ao encerrar-se o século 20, o respeito aos direitos humanos, o respeito às minorias étnicas, o respeito aos valores básicos da cidadania e da democracia, continuam a ser discutidos, porque parcela significativa da Humanidade continua a não ter estes direitos assegurados e permanece como vítima de várias formas de violência. É neste sentido que o estudo do Holocausto adquire uma relevância política e histórica urgente: como uma história e memória cuja presença é fundamental para servir como

testemunho de tempos sombrios e como emblema das possibilidades de destruição no mundo contemporâneo.

Estes médicos nazistas foram condenados por suas ações não apenas pela total falta de respeito à vida e à seriedade que se deve ter nas experiências científicas, mas também por se envolverem em pesquisas repletas de normas sádicas que não levaram a resultado algum, ou seja, foram incoerentes e irresponsáveis com a vida alheia, mas sem reconhecerem que estes indivíduos cativos tinham o mesmo direito à vida que eles, perpetradores da ciência destinada em fazer o mal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na História, muitas vezes, os indivíduos se habitam a observar e analisar os acontecimentos e os processos que se desencadearam ao longo do período em questão se inteirando apenas de ideias da mesma corrente teórica que apresentam apenas uma ótica sobre o assunto e visões similares.

No caso da Segunda Guerra Mundial, rica em fontes, o interessante se torna abordá-la sob a ótica de temas diferentes, mas profundamente presentes neste contexto. Por isso, dissertar acerca da banalização da morte neste corte temporal e espacial se torna muito relevante, principalmente para quem construiu a linha de pesquisa e formulou o trabalho.

Por meio da pesquisa, foi possível constatar a força que o nazismo ganhou sob a liderança de Hitler, na Alemanha e de como o povo alemão incorporou o regime como sendo o ideal para uma nação com forte tendência ao progresso econômico e social. Tudo amparado em ideologias que justificaram filosófico-cientificamente as ações atrozmente cometidas contra judeus, homossexuais, doentes mentais, inimigos políticos e demais grupos apolíticos.

Ideologias que ao invés de provar a superioridade da raça ariana, trouxeram manchas irremovíveis à Alemanha, que se tornou para a posteridade, uma nação onde crueldades incomparáveis foram cometidas contra seres humanos com o mesmo direito à vida que os puros e mitológicos arianos. A ideia de superioridade está totalmente relacionada a algo louvável, dotado de virtudes e atitudes dignas de honra, mas no caso do nazismo, suas ideias e suas ações, estas qualidades não podem ser atribuídas, muito pelo contrário, são completamente distorcidas.

Mas não foi apenas em questões ideológicas que o segundo grande conflito se diferenciou. Os avanços tecnológicos criados a partir da Primeira Guerra Mundial e intensamente desenvolvidos e melhorados, fizeram da segunda guerra, um confronto bélico único que não se resumiu a apenas confrontos diretos entre tropas em trincheiras e bombas de gás.

A Segunda Guerra teve tanques, armamentos que disparavam vários tiros por minuto, potentes bombas, inclusive as nucleares, que trouxeram um resultado desastroso ao Japão. Os meios de locomoção evoluíram e o perfil dos soldados se alterou.

Estes se tornaram mais insensíveis com a morte alheia visto que não matavam devagar, um a um, e sim vários ao mesmo tempo, sem confronto direto. Então, em relação à Primeira Guerra, os soldados alemães, em questão, não se abalaram psicologicamente. O regime os fazia compreender que tudo era necessário e natural para o sucesso de sua querida nação. O genocídio era persuasivamente explicado entre inúmeras ideias nacionalistas.

O anti-semitismo era enraizado no coração dos alemães passando a compor a personalidade e a identidade do povo. A perseguição aos judeus era uma característica própria do regime e de sua sobrevivência. Era como se dois tipos de guerra ocorriam simultaneamente: contra as nações inimigas e contra os judeus. E no final do conflito, a matança aos judeus passou a ser feita a qualquer custo.

Além do holocausto, os judeus e demais grupos indesejados foram aproveitados para outros fins: para o trabalho e como cobaias de médicos que testavam inúmeras substâncias e teorias acerca de doenças e procedimentos.

Estes experimentos foram o início de muitas pesquisas na área da medicina, porém fora promovida de maneira obscura e desumana, nem sempre sendo aceita entre o meio acadêmico por ir contra os padrões éticos estabelecidos, o que é de total compreensão e aceitabilidade.

Quando se menciona então, o processo de banalização da morte na Segunda Guerra Mundial, além de refletir sobre o auxílio da tecnologia no conflito bélico que distancia o soldado da morte do inimigo, torna-se ainda mais impactante a referência à indiferença dos soldados nazistas em relação à morte de milhões de judeus e aos experimentos médicos feitos nestas cobaias humanas que muitas vezes morriam agonizando, tendo uma morte lenta e dolorosa.

Além disso, a câmara de gás trazia outra realidade de morte. Ali, as vítimas selecionadas a morrer, por não servirem ao trabalho promovido nos campos de concentração, eram conduzidas aos últimos instantes de vida sem saber o que ia acontecer. Recebiam a informação de que iriam se higienizar e nunca mais voltavam. Eram cremados e nunca mais vistos.

Milhões de judeus não viram mais seus familiares e nem tiveram a oportunidade de velar e enterrar seus entes queridos. Estes, simplesmente desapareceram. Que estranha sensação deve ser a de perder alguém próximo, aceitar sua morte sem ver o morto propriamente dito e conviver com este fato diariamente.

Faz-se ainda necessário ressaltar o uso de imagens para analisar o contexto do holocausto e do cotidiano nos campos de concentração.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ÀRIES, Philippe. **O Homem perante a Morte**. Portugal: Europa-América, 2000.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2002.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004.

BUTLER, Rupert. **A Gestapo: 1933-1939 A Fundação da Polícia Secreta de Hitler**. São Paulo: Escala, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

CORNWELL, John. **Os cientistas de Hitler: ciência, guerra e o pacto com o demônio**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2003.

CYTRYNOWICS, Roney. **As formas de lembrar a História do Holocausto**. 2000. Disponível em site: <http://www.derechos.org/niskor/brazil/libros/neonazis/cap12.html>.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Imagem em debate**. Londrina: Eduel, 2011.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Schwarcs, 2000.

MESSADIÉ, Gerald. **História Geral do Antissemitismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PERROT, Michelle. **História dos quartos**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza(Orgs.). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais: percursos em História Cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

_____ (Org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2001.

PINSKY, Carla Bassanesi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012.

RÉMOND, René. **O Século XX**: de 1914 aos nossos dias. São Paulo: Pensamento Cultrix, 1974.

SCHILLING, Voltaire. **O Nazismo**. Porto Alegre: UFRGS, 1988.

WILLIAMSON, Gordon. **A Polícia Secreta de Hitler**: A Atuação da SS na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Escala, 2006.

